

## A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968

*Architectural Criticism, Social Debate and Portuguese Participation in the “Pequenos Congressos” – 1959/1968*

*La critique architecturale, le débat social et la participation portugaise aux “Petits Congrès” – 1959/1968*

Nuno Correia

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/4158>

DOI: 10.4000/rccs.4158

ISSN: 2182-7435

### Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2010

Paginação: 41-57

ISSN: 0254-1106

### Refêrencia eletrónica

Nuno Correia, « A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968 », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 91 | 2010, colocado online no dia 16 outubro 2012, criado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/4158> ; DOI : 10.4000/rccs.4158

---



**NUNO CORREIA**

## **A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968**

Durante a década de 60, um grupo de arquitectos espanhóis reunia-se com regularidade em encontros a que chamavam ‘Pequenos Congressos’ para visitar obras, realizar sessões de crítica e discutir os temas que os preocupavam. Nuno Portas participa no Pequeno Congresso de Tarragona, em 1967 e é responsável pela realização de um Encontro em Portugal, no mesmo ano. A presença de Siza Vieira no Congresso de Vitória, em 1968, protagonizando uma das sessões de ‘Exposição e Discussão de Projectos’, tornou-se num momento determinante para o reconhecimento internacional da arquitectura portuguesa. Conjuntamente, a sua obra, a actividade intelectual de Nuno Portas e o interesse despertado pelas operações SAAL tornaram a arquitectura portuguesa objecto da atenção permanente da crítica e da imprensa em Espanha, França e Itália durante toda a década de 70.

Ao longo do artigo abordam-se os temas debatidos nos Pequenos Congressos e a importância desse debate para a formação da consciência crítica, que permitiria reagir ao vazio de paradigma vivido na passagem da primeira para a segunda metade do século XX e que está na raiz da complexa situação contemporânea.

**Palavras-chave:** arquitectura; cidades históricas; Espanha; Pequenos Congressos; planeamento urbano; Portugal; urbanismo; 1959-1968.

Actualmente a arquitectura portuguesa não está na periferia dos principais centros de produção cultural do mundo ocidental, mas não era assim nas primeiras décadas da segunda metade do século XX. Nessa altura, a produção arquitectónica em Portugal era marginal e periférica. Ao longo dos anos 60 e 70, algumas contribuições individuais de arquitectos portugueses, que se destacaram tanto no campo da teoria como da prática profissional, fizeram despertar a atenção da crítica e da imprensa internacional sobre o universo português.

Nesse momento, toda a produção teórica no domínio da arquitectura tinha na sua raiz a experiência obtida pelo contacto directo com a realidade e a ‘crítica’. Os arquitectos-críticos tinham simultaneamente o conhecimento dessa realidade e a capacidade de conduzir o debate – identificavam problemas,

propunham os temas em discussão e arriscavam saídas possíveis. Tomando consciência dos limites da arquitectura como disciplina autónoma, convidaram para o debate especialistas de outras áreas do conhecimento, fora do seu campo estrito de acção – historiadores, filósofos, sociólogos, economistas...

Durante toda a década de 60, um grupo alargado de arquitectos espanhóis reunia-se com regularidade em encontros a que chamavam ‘Pequenos Congressos’ para visitar obras, realizar sessões de crítica e discutir os temas que os preocupavam. Nuno Portas participa no Pequeno Congresso de Tarragona, em 1967, e é responsável pela realização de outro em Portugal, no mesmo ano. A presença de Siza Vieira no Congresso de Vitória, protagonizando uma das sessões de ‘Exposição e Discussão da Projectos’, tornou-se num dos momentos determinantes da participação portuguesa nos últimos encontros e um momento decisivo para o reconhecimento internacional da arquitectura portuguesa que, através da obra de Siza, da actividade intelectual de Nuno Portas e do interesse despertado pelas operações SAAL foi objecto da atenção permanente da crítica e da imprensa em Espanha, França e Itália durante toda a década de 70.

Os Pequenos Congressos – o debate e a crítica produzida – estão portanto na origem não só do despertar da arquitectura portuguesa para a saída do isolamento como, sobretudo no plano internacional, representam um momento chave para a construção de uma saída do vazio criado pelo esgotamento dos modelos do Movimento Moderno. Isto é, para a construção de uma saída já não baseada na existência de um modelo único, genérico, mas de muitos modelos possíveis – que conduziu à situação contemporânea.

### **1. Os “Pequenos Congressos” em Espanha – A sua origem em 1959 e os temas em debate**

O Primeiro foi em Madrid, em Novembro de 1959. [...] Os ‘Pequenos Congressos’ não têm carácter oficial. Não há nenhum organismo nem estatal nem profissional, que seja seu promotor. [...] Os componentes dos Pequenos Congressos, mais que um grupo, formam uma geração.<sup>1</sup> [...] Trata-se de passar revista à obra realizada durante os últimos dez anos, saber quem somos e o que pensamos. [...] Em Maio de 1960 reunimo-nos em Barcelona. Dessa vez veio também um grupo de arquitectos basco, de San Sebastian, com os que somávamos quase uma centena. O programa era o mesmo de Madrid: três dias dedicados principalmente a visitas de obras seguidas de sessões de crítica. (Echaide, 1961: 197)

<sup>1</sup> “É interessante notar que, sem uma intenção preconcebida dos organizadores, a idade média dos assistentes não passaria provavelmente dos 35 anos... E teria sido difícil encontrar entre os assistentes alguns que tivessem mais de 50.” (Ortiz-Echagüe, 1960: 325-330).



considera que essa exigência se deve aplicar igualmente ao elevado nível da arquitectura produzida. E, claro, para ele esse nível exigido é indissociável da identificação com um pensamento racionalista e um ideal moderno de arquitectura.

No texto de introdução ao roteiro editado com o programa e os itinerários das visitas a efectuar em Barcelona é traçado um perfil histórico da arquitectura catalã e espanhola ao longo do século XX, onde se explica a formação em Barcelona, em 1928, do grupo racionalista GATEPAC<sup>2</sup> e, em 1951, do ‘Grupo R’. Num artigo posterior, publicado na revista *Suma y Sigue del Arte Contemporáneo*, em 1964, intitulado “Los cuatro nueves de la arquitectura catalana”, Oriol Bohigas destaca novamente a actividade do ‘Grupo R’, entre 1949 e 59, promovendo exposições e concursos e tentando recuperar o espírito racionalista e moderno do GATCPAC,<sup>3</sup> que tinha sido interrompido súbita e brutalmente com a Guerra Civil Espanhola e com o desaparecimento de alguns dos seus protagonistas – J. L. Sert é forçado ao exílio e Torres Clavé morre durante a guerra.

Na verdade, mais do que apenas recuperar essa linha cultural racionalista, o ‘Grupo R’ encontrava-se perante o papel duplo de ser também forçado a participar no debate arquitectónico europeu contemporâneo, num momento em que surgia uma crítica feroz que propunha rever o modernismo e iniciava uma tendência fortemente pós-racionalista. Esse papel duplo era uma consequência do enorme ponto de interrogação que se começava a instalar e que representava a dúvida sobre a continuidade do ideal moderno, para a qual contribuíram, em Barcelona, as conferências de Bruno Zevi, Nikolaus Pevsner e Alvar Aalto. Essa dúvida haveria de dominar o debate da arquitectura durante toda a segunda metade do século XX.

Referindo-se ao ano de 1959 como o último momento de viragem, na perspectiva daqueles quatro noveis ensaiada ao longo do artigo – 1929, 1939, 1949 e 1959 – Bohigas recorda como últimas actividades do ‘Grupo R’ os cursos de “Economia e Urbanismo” e de “Sociologia e Urbanismo”. Organizados em 1958 e 1959, representaram um primeiro passo na aproximação da arquitectura à realidade social e de abertura à participação de economistas e sociólogos na discussão dos problemas que enfrentava a arquitectura e o urbanismo. Para ele, os Pequenos Congressos representavam a resposta ao vazio que se criava em 1959 com o fim do ‘Grupo R’ e podiam ser a chave

<sup>2</sup> Iniciado por J. L. Sert e Torres Clavé, entre outros, surgindo depois com novos focos em Madrid e em San Sebastian, onde se destaca a o projecto para o Club Náutico, de Aizpurúa e Labayen, construído em 1930, uma das visitas importantes do 3º Pequeno Congresso.

<sup>3</sup> Grupo de Artistas e Técnicos Catalães para o Progresso da Arquitectura Contemporânea.

para responder à necessidade de compromisso da arquitectura com a realidade social (Bohigas, 1964b: 27).

Para a realização do 1º Encontro Bohigas tinha proposto a existência de um tema para debate e isso acabou por acontecer. De acordo com o programa de visitas e sessões de crítica, foram também discutidos o “Urbanismo”, os “Materiais de Construção” e o “Desaburguesamento da Família Espanhola”. Mas no Congresso de Barcelona abandonou-se esse modelo, para concentrar mais a discussão na arquitectura dos edifícios visitados e nos projectos apresentados. E foi também isso que aconteceu em San Sebastian, no 3º Encontro, em Outubro de 1960.

Os ‘PPCC’<sup>4</sup> pretendiam assim aproximar-se mais do modelo adoptado pelo ‘Team X’ – a crítica de projectos concretos. Mas depois de San Sebastian regressou o modelo inicial e foi sempre definido um tema para conduzir os debates.

#### **Os problemas funcionais da habitação mínima: Córdoba, Outubro 1961**

Havia uma vontade manifesta de alargar a ligação entre Barcelona e Madrid a outras cidades, que representassem outros territórios, social e culturalmente distintos, que ajudassem a enriquecer o debate e a aproximá-lo da realidade do país. Rafael de La-Hoz Arderius, arquitecto de Córdoba pertencia ao Comité dos PPCC desde a sua constituição formal em Junho de 1960, tal como Vega Soane de San Sebastian. La Hoz tinha desenvolvido alguma investigação sobre os problemas funcionais da habitação mínima e tinha experiências concretas com projectos realizados. Propõe a discussão desse tema nas reuniões do Encontro.

O 4º Pequeno Congresso celebrou-se então em Córdoba, com o tema de “La Planta de Viviendas Modestas”. Depois do Congresso, Joaquim Gili redigiu um documento onde enunciava em síntese algumas das conclusões a que se tinha chegado e Oriol Bohigas publicou na revista *Serra d’Or* um artigo com o mesmo objectivo, onde também se referia às consequências urbanísticas dessas tipologias de habitação e manifestava sérias dúvidas sobre a real vantagem económica do recurso a áreas tão reduzidas, face aos seus efeitos sociais (Bohigas, 1961: 74). Para Bohigas há uma evidente inadequação na implantação de blocos dispostos autonomamente sobre um espaço público indefinido, de acordo com as regras modernas enunciadas na ‘Carta de Atenas’, que resultava na criação de espaços verdes que nunca seriam apropriados pelos seus habitantes. Tornava-se evidente que essa era

<sup>4</sup> A designação ‘PPCC’ era usada para evitar a suspeita da censura em relação a ‘PC’ (Partido Comunista).

uma solução que não respondia àquela realidade social e económica concreta. Todos estavam conscientes que havia uma revisão que era necessário fazer em relação às propostas modernas para o espaço colectivo. Provavelmente a mudança exigia regressar aos conceitos tradicionais de pátio interior e espaço delimitado. Para essa reflexão contribuiu também o enorme impacto causado pela visita à arquitectura popular do sul da província de Córdoba, no último dia – Montemayor, Lucena, Montilla...

Nas conclusões do Congresso, Joaquim Gili também se referia a essa necessidade de retomar o conceito de pátio e estudar soluções urbanísticas que considerassem a sua aplicação, tanto do ponto de vista do espaço público, como do ponto de vista do espaço da habitação.<sup>5</sup>

### **O tema do urbanismo turístico: Málaga e Tarragona, 1963**

Em Setembro de 1962, o Comité de Madrid reuniu-se para preparar o 5º Pequeno Congresso. Nessa reunião consideraram-se como possíveis localizações para o Encontro a Costa Brava, Maiorca e a Costa do Sol. Acabou por se concluir que a situação urbanística era mais grave na Costa do Sol, por ser aquela que tinha menor tradição turística e o Congresso realizou-se em Málaga, entre 19 e 21 de Abril de 1963. Concluiu-se também que seria importante recolher previamente alguma documentação para preparar os colóquios, onde se projectariam diapositivos apresentando a situação actual do problema do urbanismo turístico em Espanha e também alguns exemplos estrangeiros.

Carlos de Miguel publicou umas “Notas de Economia” numa separata da revista *Arquitectura*, que foi depois distribuída pelos congressistas, onde José M. Bringas fazia uma recolha exaustiva dos dados estatísticos disponíveis e analisava os “aspectos do fenómeno turístico espanhol” do ponto de vista económico e social, que serviriam de base às discussões do congresso.

O Comité de Barcelona<sup>6</sup> organizou uma série de reuniões em que se estudavam os problemas concretos de diferentes áreas da costa catalã. Nessas reuniões preparavam-se as visitas às zonas a analisar e a região era apresentada por quem já tivesse desenvolvido aí algum projecto. A primeira dessas visitas, que seria à zona de Palafrugell (Calella, Llafranch, Tamariu, Bagur), dirigida por Joaquim Gili, realizou-se nos dias 14, 15 e 16 de Dezembro. A segunda visita, à zona de Tarragona, realizou-se entre os dias 15 e 17 de Fevereiro de 1963 – Calafell, Torredembarra, Salou...

No 6º PPCC, que se celebrou no Hotel Tarraco de Tarragona, nos dias 6, 7 e 8 de Dezembro, voltou a debater-se o “Problema do Urbanismo

<sup>5</sup> “Conclusiones del IV PC de Arquitectos, Córdoba 9, 10, 11 de Octubre de 1961” (Arquivo Bohigas).

<sup>6</sup> Composto por Bohigas, Correia, Gili, Mora e Moragas.

Turístico”. Julio Cano Lasso apresentou o Projecto para uma urbanização de luxo próxima de Valência.<sup>7</sup> Num documento impresso que foi distribuído pelos congressistas, Cano Lasso previa que antes do final do século XX a costa mediterrânica estaria completamente construída – como uma enorme cidade linear, desde o sul de Espanha até à Grécia e também ao longo da costa dos países do Norte de África. O progresso tecnológico deveria libertar do trabalho a população dos países desenvolvidos europeus, que assim teria mais tempo para lazer e capacidade económica para passar longos períodos de férias e instalar-se nessa costa mediterrânica. O fenómeno da ocupação em massa a que se estava a assistir na Costa do Sol, na Costa Brava ou na costa de Valência era apenas o princípio dessa cidade linear, que acabaria por unir Málaga, Almería, Valência, Barcelona, Marselha, Niza, Nápoles... E, portanto, o planeamento dessas cidades deveria prepará-las para funcionar como peças de um sistema contínuo e articulado. Não se podia imaginar como evoluiriam os meios de comunicação. Os automóveis podiam já não existir e ser substituídos por outras formas de transporte, que iriam seguramente alterar a estrutura urbana.

No PPCC de Tarragona estiveram presentes dois economistas, Hombravella e José Bringa, e um sociólogo, Carreño. George Candilis fechou o Congresso com a apresentação do seu “Projecto para o Desenvolvimento Turístico da Costa de Rosselló e Llegendoc”, expondo uma forma diferente de planeamento do território. O Estado francês, recorrendo a uma operação de crédito, tinha comprado todos os terrenos sobre os quais incidia o projecto, antes de anunciar as suas intenções para aquela região. Era o contrário do que acontecia em Espanha. As instituições governamentais chegavam ao terreno depois de se terem instalado turistas e especuladores e confrontavam-se com situações irreversíveis, que eram obrigadas a aceitar. Bohigas acreditava que se estavam a dar passos importantes, na Catalunha começavam a criar-se equipas pluridisciplinares, constituídas por arquitectos, economistas e sociólogos,<sup>8</sup> mas na verdade o método apresentado por Candilis parecia ser o modo mais eficaz de aplicar um Plano (Bohigas, 1964a).

### **O planeamento urbanístico nas cidades históricas: Segóvia 1965**

Nos dias 3, 4 e 5 de Dezembro de 1965 realizou-se na cidade de Segóvia o 7º Pequeno Congresso, que tinha como tema “O Planeamento Urbanístico das Cidades Histórico-Artísticas”. O Programa distribuía-se por visitas à Cidade de Segóvia, na manhã do primeiro dia, e à Cidade de Toledo, na

<sup>7</sup> “Proyecto de ordenación turística de la Dehesa de Albufera”.

<sup>8</sup> Como o CEDEC, Centro de Estudos Socioeconómicos para o Desenvolvimento da Comunidade.



manhã do segundo. As tardes eram destinadas à apresentação de planos concretos e colóquios. No último dia Giancarlo de Carlo apresentou o seu projecto para a cidade de Urbino.

A discussão desse tema era, em parte, uma reacção à prática que se começava a adoptar em vários países da Europa, incluindo Espanha, que aplicavam a Declaração de “Conjuntos Artístico-Monumentais” (Bohigas, 1966) para defender os núcleos urbanos das cidades históricas. Essa prática impunha uma série de regras demasiado rígidas em relação à conservação e enormes limitações à possibilidade de transformação.

Recentemente, Bohigas, Luis Doménech e Ramón Maria Puig tinham publicado um artigo na revista *Arquitectura*<sup>9</sup> – “Lérida, Ciudad Colina” – onde apresentavam a grave situação urbanística, isto é arquitectónica e social, do bairro ‘Canyeret’. Nesse documento enunciam-se alguns critérios de actuação naquele sector histórico da cidade e também alguns erros habituais que se deviam evitar. O artigo terminava sugerindo a realização de um Seminário de Estudo, ou Jornadas de Trabalho, com a participação de especialistas de diferentes áreas, onde se pudesse definir um plano de actuação (Bohigas *et al.*, 1965).

Durante o Pequeno Congresso, De Carlo concordou com Ricardo Bofil, que afirmava que todas as cidades são históricas – Barcelona é uma cidade tão histórica como Segóvia, a 5ª Avenida em Nova Iorque é um facto histórico tão relevante como o aqueduto de Segóvia. Para Giancarlo de Carlo, não se tratava realmente de medir a antiguidade da arquitectura. Distingue três aspectos definidores da vida de uma cidade – a função, a estrutura, e a forma. A função pertence ao domínio da sociologia e da economia e por isso é uma atribuição exclusivamente política. A estrutura e a forma pertencem ao domínio do desenho e são portanto uma tarefa da responsabilidade do arquitecto ou urbanista. Às chamadas cidades históricas preferia chamá-lhes “cidades velhas”, para evitar equívocos.

O que distingue um sector novo da cidade de um velho é a existência de uma correspondência equilibrada entre os três aspectos nomeados – função, estrutura e forma. Numa cidade velha a estrutura e a forma não correspondem à sua função actual, correspondem a funções antigas, desactualizadas. É essa inadequação que a torna velha. Mas, por outro lado, essa inadequação reforça o facto de se ter completado um ciclo de vida e provoca um certo respeito e admiração. Giancarlo de Carlo procurou demonstrar com o seu plano para a cidade de Urbino que também é possível que essa arquitectura

<sup>9</sup> Separata da Revista *Arquitectura*, n.º 76 Abril de 1965. O artigo tinha sido antes publicado no semanário de Barcelona *Destino*.

“histórica” seja o motivo da revitalização, aproveitando os edifícios existentes para instalar os novos programas universitários. Os espaços de cultura, de ensino ou turismo são programas novos que se podem adaptar às formas antigas dos edifícios que já não cumprem a sua função original.

No artigo que publica na revista *Serra d’Or* sobre o Congresso em 1966, Bohigas procura deixar claro que não se pode confundir uma cidade velha com uma cidade morta. A vida das cidades não depende da sua idade, depende da capacidade criativa dos seus habitantes e da existência de actividade social. O que determina a morte de uma cidade não são impedimentos de natureza urbanística, são uma série de circunstâncias económicas e sociais. Por isso a revitalização de cidades mortas ou em decadência também só é possível se essas circunstâncias o permitirem e não apenas em virtude da existência casual de um edifício histórico ou monumento. Portanto, na ausência de um plano de desenvolvimento económico e social, é possível que belas cidades, do ponto de vista urbanístico – da sua estrutura e da sua forma – tenham que deixar de ter vida como cidades.

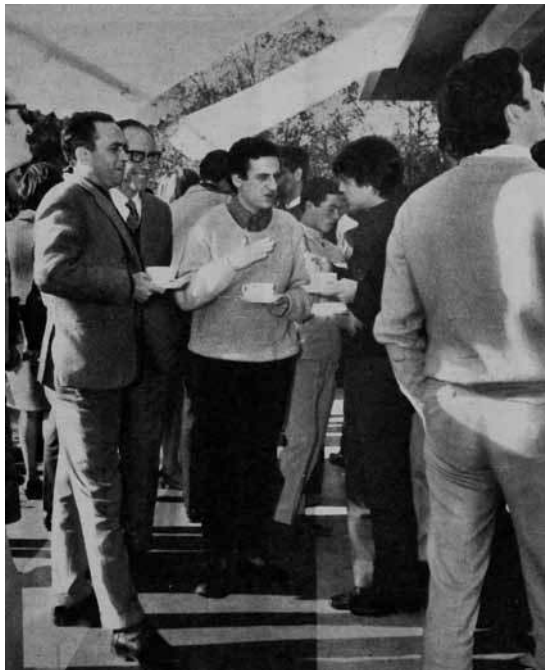
## **2. A participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – O Encontro de Portugal em 1967 e o PPCC de Vitória em 1968**

A realização do 8º Pequeno Congresso em Tarragona em 1967 coincide com um período social e politicamente conturbado em Barcelona (Pizza, 2002).<sup>10</sup> Oriol Bohigas tinha sido expulso da Escola de Arquitectura em Março de 1966 e passava alguns meses em Cambridge. Desloca-se aliás de Inglaterra especificamente para estar presente em Tarragona. Nuno Portas participou nesse Encontro, apresentando a linha de investigação que desenvolvia no LNEC, sobre o desenho da habitação standard, como relata o artigo que escreve na revista portuguesa *Arquitectura*, onde desenvolvia uma importante acção editorial desde 1957.<sup>11</sup>

Nesse artigo (Portas, 1967b) situa o debate em relação à herança cultural do movimento moderno, para lembrar que, embora esse período tivesse sido essencialmente determinado pelas grandes obras dos mestres, não tinham sido menos importantes os “movimentos de ideias” colectivos, que permitiam aplicar os modelos e torná-los consequentes com as diversas realidades sociais e culturais. E lembra também que naquele momento se assiste, em

<sup>10</sup> O contexto cultural de Barcelona neste período é amplamente desenvolvido no artigo de Antonio Pizza publicado neste número da revista.

<sup>11</sup> A entrada de Nuno Portas para a revista *Arquitectura* é praticamente simultânea com o início da 3ª Série da revista. O director anterior, Alberto José Pessoa é substituído por Frederico Sant’Ana no nº 59, de Julho de 1957, e Nuno Portas inicia imediatamente a sua colaboração com a edição da revista, embora só venha a integrar a Comissão Directiva em 1958, juntamente com Carlos Duarte, Frederico Sant’Ana, José Daniel Santa Rita e Nikias Skapinakis.



**Encontro de Tomar, Dezembro 1967**  
(em frente na imagem Nuno Portas, de costas Oriol Bohigas)  
**Revista *Século Ilustrado*, nº 1565, Dezembro de 1967**

Portugal, a um progressivo afastamento dos arquitectos, enquanto classe profissional com dificuldades e problemas comuns, referindo que esse afastamento acentua o vazio de paradigma que se tinha instalado com a falta de novos modelos, que respondessem aos novos problemas da passagem da 1<sup>a</sup> para a 2<sup>a</sup> metade do século XX e da recuperação da crise do pós-guerra. Sentia-se em Portugal, sobretudo na última década, uma grande falta de reflexão crítica colectiva e de debate.

A discussão estava acesa no plano internacional, em encontros restritos como os que promovia o 'Team X', em publicações como as do grupo 'Archigram'. Essa necessidade de debate para encontrar métodos e instrumentos de trabalho que pudessem responder à novidade e complexidade dos desafios contemporâneos já tinha sido percebida em Espanha por um grupo de arquitectos que se reunia, desde o início da década, nos Pequenos Congressos.

No mesmo artigo, Nuno Portas relata ainda que foi designado membro do novo Comité, que tinha a atribuição de organizar o Pequeno Congresso seguinte e que interpretava esse gesto como um sinal claro da vontade dos colegas espanhóis em alargar estes encontros a um âmbito ibérico. Através

da revista *Arquitectura*, lança o desafio para se seguir o exemplo em Portugal e iniciar uma prática de realização de encontros periódicos, com sessões de informação colectiva, apresentação de linhas de investigação que se desenvolviam de modo mais ou menos individual e crítica de projectos. Termina desafiando a recém-reestruturada Secção Portuguesa da UIA para o lançamento dessa iniciativa que só parecia fazer sentido e ser consequente se nascesse de uma vontade colectiva.

Nuno Portas tinha sido convidado a participar no PPCC de Tarragona pelo Comité da Catalunha, que tinha ficado designado para o organizar no Encontro anterior, em Segóvia (1965).<sup>12</sup> Com ele foi também convidado Eduardo Anahory.

No início do ano de 1967, Nuno Portas tinha publicado, na revista *Hogar y Arquitectura* de Madrid, dirigida por Carlos Flores,<sup>13</sup> o artigo “Sobre la joven generación de arquitectos portugueses”, juntamente com uma longa secção dedicada à obra de Siza Vieira.<sup>14</sup> No contexto da actividade editorial que desenvolvia na revista *Arquitectura*, também já tinha procurado aproximar-se dos arquitectos catalães e espanhóis e tinha publicado “Um hotel em Palma de Maiorca”, de José Antonio Coderch e Manuel Valls (nº 93 de Maio-Junho de 1966), e “Duas obras de Sainz Oiza” (nº 95 de Janeiro-Fevereiro de 1967).<sup>15</sup>

Eduardo Anahory também já era conhecido dos arquitectos da Catalunha. Alguns anos antes, através da revista *Domus*, Bohigas tinha tomado contacto com um projecto seu, para uma casa construída com elementos prefabricados. Pouco depois conheceu José Aleixo de França no RIBA<sup>16</sup> em Londres e pediu-lhe que o ajudasse a localizar aquele arquitecto português e aquele projecto específico, para o poder publicar na revista alemã *MD, Moeble Interior Design*, da qual era correspondente em Espanha.

Nessa altura José Aleixo França foi convidado a estar presente no PPCC seguinte, que seria o 4º, em Córdoba, nos dias 9, 10, e 11 de Outubro. Esse convite estendia-se a outros arquitectos portugueses, que ele considerasse conveniente convidar também.

<sup>12</sup> Carta enviada por Oriol Bohigas a Nuno Portas, em 21 Abril 1967 (Arquivo Bohigas).

<sup>13</sup> No nº 78, de Maio 1963, da revista *Arquitectura*, na pág. 43 na secção ‘Noticiário, Exposições, Crítica’, é referida uma permuta com a revista *Casabella* e uma visita de intercâmbio a Madrid, à revista *Hogar y Arquitectura* de Carlos Flores.

<sup>14</sup> “La Obra de Álvaro Siza Vieira” e “Un análisis de la Obra de Siza Vieira”, por Pedro Vieira de Almeida (*Hogar y Arquitectura*, 68, 1967).

<sup>15</sup> E antes disso – “A Obra de José A. Coderch e M. Valls Vergé”, Nuno Portas, revista *Arquitectura* nº 73, Dezembro de 1961, e “Considerações sobre o Urbanismo e suas relações com o Turismo em Espanha”, Frederico Correa, revista *Arquitectura* nº 81, Março de 1964 (Depois do PPCC de Málaga, em 1963, sobre Turismo).

<sup>16</sup> Carta de Oriol Bohigas a José Aleixo França, 3 de Agosto 1961 (Arquivo Bohigas).

Oriol Bohigas não só estava entusiasmado com a ideia de uma participação portuguesa nos Pequenos Congressos, como começava já nessa altura a colocar a hipótese de realização de um Encontro em Portugal.<sup>17</sup> Mas afinal a participação portuguesa no PPCC de Córdoba não se concretizou. Os arquitectos portugueses tardaram a responder e Bohigas teve que cancelar a sua presença pela coincidência de datas com o nascimento de uma filha. A ausência de Bohigas pode aliás ter justificado o cancelamento da deslocação de Aleixo França e Sotto-Mayor,<sup>18</sup> que tinham nele a única ligação àquele grupo de arquitectos espanhóis.

Nessa altura, quando se estabeleciam os primeiros contactos para uma participação portuguesa, os Pequenos Congressos já eram conhecidos em Portugal.

Em Outubro de 1960, César Ortiz-Echagüe, arquitecto de Madrid presente no 1º PPCC, autor do refeitório da fábrica SEAT em Barcelona,<sup>19</sup> tinha publicado no nº 25 da revista *Binário*,<sup>20</sup> um extenso artigo sobre a realização do 1º Encontro em Madrid (Ortiz-Echagüe, 1960). Um ano mais tarde, em Abril de 1961, Rafael Echaide, que esteve presente no 2º PPCC de Barcelona e viria a trabalhar com Ortiz-Echagüe, escreveria também um artigo, no nº 31 da mesma revista *Binário*, fazendo um relato completo daquilo que tinham sido os Encontros realizados até aquela data – Madrid, Barcelona, e San Sebastian.

### **O Encontro de Portugal: Tomar, Dezembro de 1967**

Por iniciativa da SPUIA realiza-se em 8, 9 e 10 de Dezembro próximo, em Tomar, um encontro de Arquitectos que constituirá o início das reuniões de estudo anuais organizadas pela SPUIA no âmbito de trabalho das suas Comissões de Urbanismo e do Habitat.

O tema deste primeiro encontro será: ‘Unidades Habitacionais – território comum entre a arquitectura e o urbanismo’. [...] E contamos com a participação de numeroso grupo de colegas espanhóis interessados em conhecer os Arquitectos e as realizações portuguesas.

(Circular nº 7/67/G. – Secção Portuguesa UIA, Lisboa 13 de Novembro 1967)

<sup>17</sup> “... PPCC... ¿No sería el momento de pensar en Portugal para una próxima reunión? Medítalo y ya lo decidiréis en Córdoba.” Carta de Bohigas a Carlos de Miguel, 14 de Setembro 1961 (Arquivo Bohigas).

“PPCC. Te puse enseguida un telegrama sobre los portugueses. Me parece una idea colosal: yo soy un europeísta y ensanchar nuestros congresos creo que es estupendo.” Resposta de Carlos de Miguel (Arquivo Bohigas).

<sup>18</sup> “Razões de ordem profissional impossível comparecer na reunião Córdoba. Saudações amigáveis”. Telegrama de Aleixo França e Sotto-Mayor para Bohigas, 5 Outubro 1961 (Arquivo Bohigas).

<sup>19</sup> Com M. Barbero Rebolledo e R. de la Joya Castro.

<sup>20</sup> Esse artigo foi concluído no nº 27 da revista *Binário*, em Dezembro do mesmo ano.

Num relato do Encontro publicado na revista *Arquitectura*, Carlos Duarte<sup>21</sup> explica como para os arquitectos portugueses presentes em Tomar a participação de cerca de 40 colegas<sup>22</sup> espanhóis foi uma surpresa inesperada. E também como isso tinha provocado reacções divergentes, manifestadas na última sessão do dia 10 de Dezembro, dedicada à discussão das conclusões daquele Encontro e à preparação do próximo.

De qualquer forma, uma das lições mais importantes a retirar do testemunho espanhol era o nosso isolamento cultural no plano internacional. Além da distância geográfica aos principais centros europeus de produção cultural, havia em Portugal um certo conformismo que conduzia à estagnação e impedia o progresso. O contacto pessoal com os protagonistas de uma arquitectura apenas conhecida por publicações em revistas ou viagens ao estrangeiro e a intervenção activa daqueles colegas nas reuniões, permitiram conhecer melhor as suas razões – os conceitos e os métodos que estão na origem daquela arquitectura.

As dificuldades de um ambiente social e político hostil à participação na vida contemporânea, à actividade cultural e à crítica apenas deveriam exigir maior compromisso intelectual e maior acção. O testemunho dos colegas espanhóis era também o exemplo de como essas condições adversas não eram impedimento para a reflexão e a acção colectiva. Escreve Carlos Duarte:

Entre nós não há, e nunca houve, grupos de acção intelectual de vanguarda, estruturados em função de princípios-base corajosa e polemicamente afirmados. [...] O debate de ideias ao nível internacional (e repita-se, ainda, que outro é hoje admissível?) esteve sempre presente nas intervenções dos nossos colegas espanhóis. (Duarte, 1967: 189)

Em depoimentos à imprensa portuguesa, Saenz de Oiza, Oriol Bohigas, Frederico Correa e Ribas Pièra eram unânimes em admitir que havia condicionantes sensivelmente idênticas na arquitectura portuguesa e espanhola. Bohigas recorda como o sucesso dos Pequenos Congressos que se faziam em Espanha se devia também à capacidade de criação de uma linha de coerência ideológica, de grupo, que só podia nascer do debate e da confrontação de ideias e posições. Frederico Correa sublinha o papel determinante de mobilização cultural que tinham em Espanha os Colégios de Arquitectos. E a esse respeito cita as publicações dos Colégios de Madrid e Barcelona,

<sup>21</sup> Na altura redactor principal da revista, integrava também a Comissão Organizadora do Encontro com Nuno Portas e António Carvalho.

<sup>22</sup> De acordo com a Circular n.º 8/67 da Secção Portuguesa da UIA, de 5 de Dezembro de 1967, aditamento à Circular n.º 7/67/G. de 13 de Novembro, eram esperados 19 arquitectos de Madrid, 5 de San Sebastian, e 12 de Barcelona.

as revistas *Arquitectura* e *Cuadernos de Arquitectura*, como as mais importantes em Espanha. Afirmar a necessidade de um contacto mais frequente entre as associações profissionais dos arquitectos em Portugal e os colégios espanhóis. Tal como Ribas Piera, que alarga aliás o âmbito dessa aproximação também às escolas de arquitectura.

Todos se referiram à necessidade de reforçar este confronto de experiências profissionais e culturais, com um intercâmbio das publicações de arquitectura dos dois países. Declara Bohigas:

No que respeita aos contactos entre os dois países vizinhos, penso que para lá de reuniões como esta, impõe-se a troca regular de publicações. Em Espanha conhecemos muito pouco da arquitectura portuguesa, e creio que o mesmo se passa em Portugal em relação à nossa. (*in Século Ilustrado*, 1967: 63)

De regresso a Barcelona, publica na revista *Serra d'Or* um artigo sobre o PPCC de Portugal, a situação política e cultural portuguesa e a nova geração de arquitectos modernos (Bohigas, 1968: 59-61). Antes de apresentar essa nova geração, que conheceu durante o Pequeno Congresso, faz uma leitura histórica das décadas anteriores, essencialmente baseada no artigo de Nuno Portas publicado em Espanha, na revista *Hogar y Arquitectura* (1967a: 77-84).

Dos arquitectos que conheceu em Portugal, Bohigas destaca, no domínio da teoria – da história e da crítica – Pedro Vieira de Almeida, Carlos Duarte e, claro, Nuno Portas. No campo da arquitectura construída e do projecto destaca Álvaro Siza Vieira, que é uma revelação para os arquitectos espanhóis (*ibidem*). Todos ficaram muito impressionados, no último dia do encontro, com as visitas à Cooperativa de Lordelo, no Porto, e à Casa de Chá da Boa Nova e Piscinas de Leça, em Matosinhos.

### **O Pequeno Congresso de Vitória, 1968**

“O Encontro [de Portugal] funcionou na madrugada de domingo [depois da Conferência de Ribas Piera] entre os componentes do grupo espanhol e sob o tema do futuro Pequeno Congresso de Vitória”<sup>23</sup> (*Arquitectura*, 99, 1967: 218). Sobre este PPCC conhece-se pouco mais que o seu programa e sabe-se que foi organizado pelo Comité de San Sebastian. Depois da impressão causada pela visita às obras de Siza Vieira, no Porto, este iria apresentar os seus trabalhos recentes numa das ‘Sessões de Exposição e Discussão de Projectos’. Noutras sessões apresentavam também trabalhos o grupo MBM

<sup>23</sup> Depoimento de Luz Valente Pereira.

(Martorel, Bohigas e Mackay) e Rafael Moneo. Seriam conferencistas Peter Eisenman e Vittorio Gregotti.

De acordo com Nuno Portas,<sup>24</sup> que tinha a responsabilidade de apresentar Siza ao Congresso, contextualizando a sua obra na arquitectura portuguesa recente como introdução para o debate que se seguia, este foi o primeiro encontro entre Siza e Gregotti, editor das revistas *Edilizia Moderna*, *Casabella Continuità* e *Controspazio*. Seria também o início do interesse permanente da imprensa internacional pela arquitectura de Siza Vieira.

Depois da publicação da sua obra na revista *Hogar y Arquitectura*, no início de 1967, e do destaque que lhe tinha dado Oriol Bohigas no artigo que publicou na revista *Serra d’Or*, em Fevereiro de 1968, Gregotti será o responsável pela primeira publicação relevante da arquitectura de Siza Vieira em Itália. No n.º 9 da revista *Controspazio*, de Setembro de 1972, Gregotti publica “Architettura recenti di Alvaro Siza Vieira”, juntamente com um artigo de Nuno Portas, “Note sul significato dell’architettura di Alvaro Siza nell’ambiente portoghese”. Nesse número participou também Kenneth Frampton, que conduziria depois a divulgação da obra de Siza Vieira nos Estados Unidos e Inglaterra.

### **Depois dos “Pequenos Congressos”**

Para a saída do isolamento e da situação periférica em que se encontrava a arquitectura portuguesa foi fundamental manter o contacto com a realidade da produção arquitectónica e reflexão teórica fora de Portugal, como tinha observado Bohigas (cf. *supra*). Em Fevereiro de 1969, o n.º 107 da revista *Arquitettura*, de Lisboa, é uma edição monográfica que publica artigos e projectos da “Chamada Escola de Barcelona”. O editorial desse número é assinado por Nuno Portas e Rafael Moneo. Novamente, em Maio/Junho de 1970, o n.º 115 é dedicado à publicação de projectos e textos teóricos dos arquitectos da Catalunha com quem os portugueses se tinham encontrado nos Pequenos Congressos.

Depois do fim dos PPCC os arquitectos portugueses continuaram a ser convidados a participar no debate. Em Maio de 1970 realizou-se em La Garrida um Encontro inspirado nos Pequenos Congressos. Siza Vieira voltou a estar presente, Nuno Portas falou do problema da construção económica em Portugal e de casos urbanísticos extremos apresentando exemplos de favelas no Brasil. De Portugal foi ainda Fernando Távora, Manuel Taíña e Duarte Cabral de Melo (Montalbán, 1970). Nuno Portas

<sup>24</sup> Depoimento pessoal em Fevereiro 2010.



participou depois no Seminário de Castelldefels sobre semiótica, organizado em 1972 pelos arquitectos da Catalunha, onde estiveram presentes Peter Eisenman, Françoise Choay, Charles Jencks, Tomas Llorens...

Em 1976 a revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui* publica o nº 185, de Maio/Junho, dedicado à arquitectura portuguesa e assinalando a passagem do segundo ano sobre o final da ditadura. Nessa publicação voltam a ter uma participação importante Oriol Bohigas e Vittorio Gregotti.

Ao longo dos anos 70 a arquitectura portuguesa é divulgada nas revistas *Casabella*, *Lotus International*, *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, *Architecture Mouvement et Continuité*, *Arquitecturas Bis...* É visível e notório que o interesse da 'crítica' internacional se dirigia para os projectos de Siza Vieira e especialmente para o papel social da sua obra, como acontecia nas operações SAAL. Oriol Bohigas, Bernard Huet, Vittorio Gregotti e Kenneth Frampton deram voz a essa 'crítica', que descobriu naquela arquitectura a existência de um programa intelectual e social.

### Referências bibliográficas

- Arquitectura, Revista de Arte e Construção* (1967), "I Encontro de Arquitectos de Tomar", 99, 217-225.
- Bohigas, Oriol (1961), "El IV P.C. a Córdoba", *Serra d'Or*, Nov./Dez., 74.
- Bohigas, Oriol (1964a), "El VI P.C. a Tarragona: Urbanisme i Turisme", *Serra d'Or*, Fevereiro.
- Bohigas, Oriol (1964b), "Los cuatro nueves de la arquitectura catalana", *Suma y Sigue del Arte Contemporáneo*, Março, 25-27.
- Bohigas, Oriol *et al.* (1965), "Lerida, Ciudad Colina", separata da revista *Arquitectura, Organo del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid*, 76.
- Bohigas, Oriol (1966), "Problemes Urbanístics a les Ciutats Velles", *Serra d'Or*, Julho.
- Bohigas, Oriol (1968), "A Portugal també els arquitects fan la guerra pel seu compte", *Serra d'Or*, 101, 59-61.
- Duarte, Carlos (1967), "Tomar. Nova Perspectiva", *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*, 99, 189.
- Echaide, Rafael (1961), "Espanha – Os Pequenos Congressos", *Binário*, 31, 197-202.
- Hogar y Arquitectura* (1967), 68.
- Montalbán, Manuel Vázquez (1970), "Coloquios en La Garrida: Racionalismo, Arquitectura, Butifarras y Música dispersa", *Triunfo*, 416, 16-19.
- Ortiz-Echagüe, Cesar (1960), "40 Anos de Arquitectura Espanhola", *Binário*, 25, 325-330.
- Pizza, Antonio (2002), "Ideas de Arquitectura en una Cultura de Oposición", in Colegio de Arquitectos de Cataluña, *Desde Barcelona, Arquitecturas y Ciudad 1958-1975*. Catálogo da Exposição. Barcelona: Colegio de Arquitectos de Cataluña, 10-53.

Portas, Nuno (1967a), “Sobre la joven generación de arquitectos portugueses”, *Hogar y Arquitectura*, 68, Janeiro-Fevereiro, 77-84.

Portas, Nuno (1967b), “Congresso em Tarragona”, *Arquitectura, Revista de Arte e Construção*, 96, 88-89.

*Século Ilustrado* (1967), “Arquitectos portugueses e espanhóis reunidos em Tomar discutiram problemas urbanísticos e habitacionais”, 1565, 62-63.